

Os primórdios do jornalismo em Ponta Grossa, Paraná

The early days of journalism in Ponta Grossa, State of Paraná

Isaias Holowate*

<https://orcid.org/0000-0002-8129-1465>

Luiz Carlos Ribeiro**

<http://orcid.org/0000-0002-0889-4163>

Resumo

Os anos de 1890 marcam os inícios do jornalismo em Ponta Grossa, com vestígios da existência de três impressos instalados na cidade, intitulados *Campos Geraes*, *O Pírolita* e *O Precursor*. Esses impressos surgiram em um período de reconfiguração da sociedade local, estadual e nacional, com transformações políticas, com a passagem do Império para República; sociais, com o fim da escravização e chegada dos imigrantes; e culturais, com a instituição dos discursos republicanos e ascensão da ideologia de progresso e ordenação social. Essa investigação utilizou um paradigma indiciário, seguindo a trilha dos signos, indícios e vestígios das fontes sobre os primórdios do jornalismo de Ponta Grossa, disponíveis nos acervos regionais e na Hemeroteca Digital Brasileira. O artigo objetiva trazer uma reflexão sobre os inícios do jornalismo em Ponta Grossa, estudando os sinais da existência dos primeiros jornais da cidade, seus fundadores, conteúdo político e ideológico e os desafios da fundação e sobrevivência do jornalismo em Ponta Grossa no final do século XIX.

Palavras-Chaves: História do jornalismo; Ideologias; Ponta Grossa.

Abstract

The 1890s mark the beginnings of journalism in Ponta Grossa, with traces of the existence of three newspapers installed in the city, entitled *Campos Geraes*, *O Pírolita*, and *O Precursor*. Those papers emerged in a period of reconfiguration of local, state, and national society, with political transformations and the passage from the Brazilian Empire to the Republic. These social transformations included the end of slavery and the arrival of immigrants, as well as cultural transformations with the institution of republican discourses and the rise of the

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. Bolsista Capes. E-mail: isaiahollowate@gmail.com

**Doutor em História, pela Université de Paris III. Professor aposentado pela UFPR. E-mail: ribeiro4650@gmail.com

ideology of progress and social ordering. This investigation used an evidential paradigm, following the trail of signs, evidence, and traces of sources about the early days of journalism in Ponta Grossa available in regional collections and in the Hemeroteca Digital Brasileira (Brazilian Digital Newspapers and Periodicals Library). The article aims to present a reflection on the beginnings of journalism in Ponta Grossa, studying the signs of the existence of the press in the city, their founders, political and ideological content and the challenges of the foundation and survival of journalism in Ponta Grossa at the end of the XIX century.

Keywords: History of journalism; Ideologies; Ponta Grossa.

Introdução

Com objetivo de analisar os primórdios do jornalismo em Ponta Grossa, no estado do Paraná, no final do século XIX, o presente artigo estuda a problemática das primeiras empreitadas jornalísticas na cidade. A investigação se constituiu de um estudo indiciário e segue o processo de descoberta de sinais, indícios e signos (GINZBURG, 1989), com o objetivo de buscar compreender uma realidade histórica dos inícios do jornalismo ponta-grossense.

O caráter indiciário, aqui proposto, justifica-se pela precariedade documental sobre os primórdios da imprensa em Ponta Grossa. Jornais do final do século XIX são citados de passagem em crônicas, memórias, assim como em obras historiográficas, buscando compreender os primórdios do jornalismo na cidade. Contudo, essas produções apresentam, em suas narrativas, reflexões especialmente enfocadas em apenas dois jornais: o *Campos Geraes*, de 1893; e *O Progresso/Diário dos Campos*, fundado em 1907 (ROCHA, 2019; CHAVES, 2011; HOLOWATE, 2018; BITTENCOURT FILHO et al., 2022). Entre as publicações que se referem aos primórdios do jornalismo em Ponta Grossa, pode-se apontar as dissertações de Rocha e de Holowate, que citam o folheto *Ideais de Ontem da Cidade Sempre Jovem*, e de Valfrido Pilotto, de 1973 (PILOTTO, 1973), para assinalar o jornal *Campos Geraes* como o impresso mais antigo de Ponta Grossa. Porém, não fazem menções aos impressos *O Precursor* e *O Pírolita*. Chaves colocou os inícios do jornalismo em Ponta Grossa em 1896, o que provavelmente foi um erro de digitação, tendo em vista que na época da defesa da sua tese (2011), a data de fundação do *Campos Geraes*, 1893, já era conhecida. Benatte e Bittencourt apontam que existiam jornais anteriores ao *Campos Geraes* apontando, contudo, a dificuldade de datação desses impressos. Salienta-se que o

estudo dos inícios do jornalismo em Ponta Grossa não era o enfoque central de pesquisa dessas obras.

O estudo sobre esses jornais se beneficiou pela existência de fontes originais preservadas e disponíveis para consulta dos pesquisadores. O *Diário dos Campos* pode ser considerado o jornal que concretizou o processo de consolidação da imprensa ponta-grossense, sendo publicado, com poucas interrupções, até a atualidade. Já o *Campos Geraes* foi o primeiro impresso de Ponta Grossa a se manter ativo como uma resiliência jornalística, por comprovados mais de seis meses. O *Campos Geraes*, geralmente, é reconhecido como o primeiro impresso de Ponta Grossa, mas não há estudos acadêmicos que aprofundem a sua trajetória.

Nesses termos, o caráter efêmero do periodismo ponta-grossense deve ser compreendido na efervescência política, social e cultural das profundas reestruturações da sociedade brasileira, à época. A resignificação de antigos grupos políticos e intelectuais, ou surgimento de novos, passava por um processo de construção de narrativas – agora, republicana e liberal – que se elaboravam enquanto um discurso ideológico de novo tipo e, por isso mesmo, incipiente. Afinal, era um discurso que se construía social e politicamente, nesse momento. A imprensa escrita, entre outras formas de manifestações, foi uma das expressões dessa nova engenharia intelectual e política, que implicava tanto um *fazer-se* quanto buscava a sua legitimação junto à sociedade local. Como tal, a imprensa também se mostrou incipiente e efêmera. Uma das evidências é a fragilidade da preservação documental desses periódicos. Ou seja, os primeiros jornais não tinham ainda o reconhecimento político, tanto em relação às ideologias quanto à necessidade efetiva de sua existência, fenômeno que foi se modificando à medida da formação e consolidação de uma opinião pública ampliada.

No caso dos primeiros jornais de Ponta Grossa, a sobrevivência do impresso dependia da capacidade de angariar apoio financeiro e político, de forma a se manter publicando com alguma regularidade. Mas é preciso dimensionar que a periodicidade desses primeiros jornais, aqui iniciados, foi muito menor e menos regular que a de impressos mais conhecidos da historiografia ponta-grossense, como o caso do *Diário dos Campos*, que possui milhares de edições publicadas. No caso desses impressos, é possível encontrar apenas indícios e vestígios de algumas edições.

O obstáculo de estudo dos inícios do periodismo em Ponta Grossa advém da dificuldade de encontrar edições originais desses periódicos disponíveis

para consulta. Por consequência, as referências a esses periódicos dependem de informações inseguras, contidas em memórias e inventários sobre o início da imprensa ponta-grossense. É o caso especial do *Catálogo de jornaes publicados no Paraná, 1854-1907*, de Romário Martins (1908), e o já citado caderno comemorativo *Ideais de ontem da cidade sempre jovem*, de Valfrido Pilotto, publicado em 1973. O catálogo de Romário Martins, publicado em 1908, nominava os jornais publicados no Paraná, entre 1854 até a data da publicação desse inventário. Mas o catálogo apresenta lacunas e não cita algumas empreitadas jornalísticas que ocorreram no Paraná, incluindo alguns jornais ponta-grossenses entre 1893 e 1908. O folheto de Pilotto, publicado em 1973, contém transcrições de partes de edições de alguns dos primeiros jornais de Ponta Grossa, seguidos por comentários do autor sobre os proprietários, conteúdo de algumas páginas e enfoque discursivo e literário da edição do jornal, ao qual ele teve acesso. Nesse documento, é possível encontrar, por exemplo, a transcrição de artigos da edição 1 da primeira fase do jornal *Campos Geraes* (1893)¹. Mas do jornal *Gazeta dos Campos*, de 1898, Pilotto teve acesso e transcreveu apenas partes da edição 12 do impresso². Ou seja, Pilotto transcreveu e comentou apenas as edições avulsas dos impressos aos quais ele teve acesso. O folheto de Pilotto é relevante pelas transcrições que fez de edições de jornais dos quais as fontes originais encontram-se atualmente perdidas. Contudo, os impressos ponta-grossenses, aos quais ele não teve acesso aos originais, não foram comentados ou transcritos na sua obra, sequer foram referidos.

Com a ascensão dos processos de digitalização dos arquivos jornalísticos, de arquivamento de jornais digitalizados e disponibilização das fontes históricas para acesso dos pesquisadores nos meios digitais, novas perspectivas de pesquisa se apresentaram. A partir de 2011, com apoio da Financiadora de Arquivos e Projetos (FINEP), um relevante acervo jornalístico, incluindo milhares de edições de impressos regionais, nacionais e internacionais, foi disponibilizado para consulta pública pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio da Hemeroteca Digital Brasileira. Entre esses jornais, encontram-se diversos impressos paranaenses, da época que se instituía as primeiras empreitadas jornalísticas em Ponta Grossa.

Ao realizar pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira, foi possível encontrar nos jornais curitibanos notícias e citações sobre alguns jornais

¹ A veracidade dessa transcrição pode ser comparada em relação à fotocópia do jornal *Campos Geraes*, disponível na Casa da Memória de Ponta Grossa.

² Provavelmente, por um erro de digitação, Pilotto coloca a edição 12 do *Gazeta dos Campos* como 16 de abril de 1989. Mas a edição foi publicada em 1898.

ponta-grossenses daquele período. Embora nem todos os impressos ponta-grossenses fossem citados, essas referências traziam informações que, quando tratadas como indícios, conduzem a outras informações que possibilitam a realização de um encadeamento de pesquisa indiciária que permitiu as reflexões apresentadas neste artigo.

Assim, a pesquisa se fez a partir de “chaves”, que são palavras ou conjuntos de palavras que foram isoladas e inseridas nas caixas de pesquisa da Hemeroteca Digital Brasileira, em diálogo com a historiografia existente. Tendo em mãos pistas sobre a temporalidade e espacialidade desses primeiros impressos ponta-grossenses, pode-se fazer a preparação para as entradas de chaves na Hemeroteca, organizado como “jornais paranaenses”, datados entre “1890 e 1900”. Algumas chaves inseridas como “O Precursor” conduziram à existência de artigos sobre esse impresso. Esses artigos tinham informações que poderiam ser transformados em outras chaves, como “Júlio Perneta”, “Club Instrução e Recreio”, entre outras. As informações contidas nos resultados dessas investigações, refletidas junto às produções historiográficas sobre aquele período, permitiram realizar este ensaio sobre os primórdios do jornalismo em Ponta Grossa.

O jornalismo no Paraná no século XIX

O jornalismo, nas últimas décadas do século XIX, ainda não era uma profissão com formação acadêmica. Os jornalistas se formavam pela experiência que adquiriam no trabalho cotidiano das redações dos impressos e pelo prestígio e reconhecimento que conquistavam, com seus escritos publicados nos órgãos da imprensa. Por isso, uma série de estratégias eram utilizadas pelos agentes do jornalismo, de forma a fortalecer o reconhecimento de seus artigos e dos periódicos nos quais eram publicados, incluindo o elogio e a entrevista a autoridades e figuras reconhecidas da sociedade local e nacional, a republicação de artigos de jornais nacionais de prestígio e os diálogos e colaborações com outros jornais das regiões próximas, de modo a fazer parte das redes jornalísticas regionais. Como observa Corrêa, sobre o período, para além dos espaços políticos institucionais, “a imprensa tornou-se o principal palco para as discussões e para a luta política” (CÔRREA, 2009, p. 140). Ou seja, um instrumento emergente que se afirmava à medida que se ampliava a esfera pública.

Quando um jornal era fundado em Ponta Grossa, Castro, Palmeira ou cidades vizinhas, geralmente, a redação do impresso recém-fundado enviava

cópias de cortesia para as redações de jornais dessas regiões, especialmente Curitiba, a capital do Paraná. Os jornais que recebiam essas edições escreviam comentários – elogiosos ou críticos – sobre a fundação do novo jornal, inserindo-os no circuito das sociabilidades do jornalismo paranaense.

Naquela época, uma das comunicações entre Ponta Grossa e Curitiba era através da chamada Rota do Mate, que ligava Paranaguá, Curitiba, Ponta Grossa, Morretes e outras cidades do Paraná. A Rota do Mate, criada para o tráfico de muares e carroceiros, além da circulação de pessoas, facilitava a circulação da erva-mate entre os processos de extração e beneficiamento e escoação do produto para os portos e os espaços de exportação, para suprir a demanda nacional e internacional de erva-mate.

O desenvolvimento da indústria de erva-mate no Paraná havia iniciado em primórdios do século XIX, com a instalação dos primeiros engenhos de beneficiamento em Paranaguá, no litoral paranaense. Partindo das indústrias de beneficiamento nessa região, a demanda pelo produto instigou a instalação de engenhos no Planalto Curitibano e nos Campos Gerais, a faixa de território do Segundo Planalto paranaense, entre o Planalto Curitibano e o Planalto de Guarapuava, onde ficam as cidades de Castro, Ponta Grossa, Palmeira e Lapa.

Pela Rota do Mate, estava instalado, desde 1876, o serviço de diligências gerido por Júlio Eduardo Gineste. A ligação entre Ponta Grossa e Curitiba por esse serviço era realizada através de viagens semanais em uma carruagem movida por tração animal, e o trajeto demorava três dias de ida e outros três de volta entre as cidades. Para notícias mais curtas, Ponta Grossa também estava ligada à Curitiba, desde 1883, pela linha telegráfica. Os jornais pontagrossenses e curitibanos, que foram fundados no final do século XIX e início do século XX, tinham no telégrafo uma importante fonte de informação e apresentavam, em suas páginas, seções dedicadas aos telegramas nacionais e internacionais, nas quais eram publicadas notas sobre as notícias recebidas. Todavia, tendo em vista a capacidade de transmissão de informações pelo telégrafo, as mensagens telegráficas precisavam ser curtas e resumidas, o que fazia que mensagens mais longas, cartas e artigos precisassem ser entregues pessoalmente³.

Nos Campos Gerais, no interior do Paraná, o jornalismo chegou com a instalação do *Echo dos Campos*, fundado em Castro, em 1883, por João Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), um político, historiador e advogado, que foi o

³ A chegada da ferrovia em Ponta Grossa ocorreu apenas em 1894, portanto, um ano após a instalação dos primeiros jornais de Ponta Grossa.

responsável pela instalação do jornalismo na região (BITTENCOURT FILHO et. al, 2022). O *Echo dos Campos*, fundado nos últimos anos do Império, tinha entre seus discursos a presença de ideais da abolição da escravidão e o republicanismo, que eram motivo de debates nas produções jornalísticas daquele período, marcados pelas crises políticas entre o Império e diversos setores da sociedade brasileira, incluindo a igreja, o exército e as elites agrárias (COSTA, 2006). Entretanto, o jornal *Echo dos Campos* foi marcado também pela participação do jornalismo nas disputas políticas estaduais, com o impresso atuando em favor dos discursos dos grandes ervateiros paranaenses, membros do Partido Conservador, especialmente o Barão de Serro Azul, amigo de Rocha Pombo. A fundação do *Echo dos Campos* ajudou a alavancar a carreira política de Rocha Pombo, com ele sendo eleito para a Assembleia Provincial em 1884 e, apesar de ter tido sua diplomação de deputado negada por uma Assembleia naquele momento controlada pelos liberais, foi eleito novamente em 1886 (CORRÊA, 2009, p. 76).

Embora o *Dezenove de Dezembro* e *A República* fossem exceções a essa regra, tanto em Curitiba quanto no interior, esse período inicial do jornalismo paranaense foi marcado pela existência de empreitadas jornalísticas de curta duração, geralmente fechando após poucas edições. Diversas publicações, incluindo jornais literários e artísticos como *A Vida Litteraria* (1887), *Evolução* (1881) e *A Penna* (1897) surgiram como impressos com vistas a estimular a produção intelectual na Província e, posteriormente, no estado do Paraná. A maioria fechou após algumas edições, em virtude da carência de profissionais experientes no ramo do jornalismo e falta de apoio político e econômico de longa duração⁴.

Os primeiros impressos paranaenses geralmente tinham uma equipe reduzida de funcionários⁵. A função de redator era especialmente prestigiosa, servindo como plataforma política, ideológica e espaço de projeção de poder da figura dos redatores dos impressos. Além do redator, membros do círculo de sociabilidades da equipe do jornal e colaboradores interessados escreviam artigos para completar a edição. Nos jornais de maior circulação, especialmente das capitais, alguns articulistas tinham colunas próprias e recebiam salários como jornalistas. Mas, nos jornais do interior, recém-fundados, o comum era

⁴Esses e outros impressos dos primórdios do jornalismo paranaense, incluindo o *Imprensa Livre* (1867); *Livre Paraná*, de Paranaguá (1883); *Sete de Março*, órgão do Partido Conservador, (1888); *Diário da Tarde* (1889); e *O Paraná Livre* (1894), estão disponíveis para consulta na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

⁵O jornal *O Progresso/Diário dos Campos*, por exemplo, tinha quatro funcionários da redação no momento de sua fundação, sendo eles um redator, um gráfico, um aprendiz e um entregador.

que os colaboradores escrevessem para os jornais pelo reconhecimento social e sem receber remuneração. Com isso, as edições desses primeiros impressos paranaenses não possuíam uma unidade jornalística claramente delineada, e suas edições trocavam debates e colaborações com articulistas de outros jornais. Os articulistas circulavam de uma publicação para outra, motivados pelos atritos que ocorriam nas publicações e as oportunidades que surgiam nos periódicos vizinhos.

Mas a fragilidade do jornalismo também estava relacionada à transitoriedade tensa das ideias políticas e sociais da época. Em especial em uma sociedade conservadora e de economia pouco dinâmica, como a paranaense, o antigo regime imperial e escravocrata encontrava-se ainda profundamente enraizado, enquanto os ideais liberais republicanos circulavam entre grupos restritos e tinham pouco significado para a maioria dos cidadãos. Esse cenário obviamente repercutia na definição doutrinária dos jornais, assim como na dificuldade de se consolidarem como empresa jornalística consistente.

O *A República*, enquanto órgão oficial do Partido Republicano Paranaense, tinha uma certa estabilidade garantida pelos grupos políticos da elite paranaense que apoiavam o jornal, mas, por consequência, os discursos dos articulistas que colaboravam com o impresso precisavam se alinhar aos interesses dessas elites. As aventuras jornalísticas de curta duração nos impressos literários e políticos davam a seus membros uma maior liberdade de divulgação de ideias, mas, por ter um investimento financeiro menor e apoio político menos estável, geralmente tinham dificuldades de se manter após algumas edições.

Em Ponta Grossa, no Paraná, a potencialidade de instalação de periódicos no final do século XIX pode ser notada pelo interesse de ponta-grossenses em alguns jornais curitibanos, pelo registro de propagandas de estabelecimentos comerciais, notícias sobre acontecimentos da cidade, notas de idas e vindas de personalidades ponta-grossenses e fugas de escravos, disponíveis nos periódicos de Curitiba. A existência de milhares de citações a Ponta Grossa nos jornais curitibanos, entre 1854 e 1890⁶, demonstrava não apenas o interesse da população de Curitiba sobre os acontecimentos do interior do Paraná, mas também o interesse de membros da população ponta-grossense em serem vistos e terem notícias e propagandas sobre suas ações, divulgadas nas páginas da imprensa curitibana e de outras localidades.

Assim, a presença de personalidades de poder da sociedade ponta-grossense nas páginas dos impressos e o reconhecimento por seus pares, através

⁶Incluindo 1.674 citações da chave “Ponta Grossa” apenas no jornal *Dezenove de Novembro*.

das notícias, funcionava como uma estratégia de prestígio e de legitimação. Aparecer nas páginas do veículo informativo, símbolo da modernidade, e que trazia as últimas notícias das capitais e do exterior que vinham pelo telégrafo, as ciências e ideologias em ascensão e as idas e vindas das elites, fornecia um status social tanto para as figuras nomeadas nas edições do jornal quanto para os indivíduos que escreviam para o jornal (DENIPOTI, 1998)⁷.

A cidade de Ponta Grossa em 1890

Em 1890, Ponta Grossa era uma cidade com uma população de 4.774 habitantes (PINTO, 1980, p. 61), incluindo os antigos moradores do meio urbano, oriundos da cultura tropeira e das fazendas de criação e internagem de animais; e os grupos de imigrantes alemães, italianos e poloneses que haviam chegado à região nas últimas décadas. Em virtude das dificuldades de produção agrícola em suas colônias, muitos desses imigrantes se estabeleciam no meio urbano, atuando como operários, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, carroceiros ou pequenos empresários.

Repercutindo as transformações estruturais da sociedade brasileira, a comunidade ponta-grossense experienciava um processo de reconfiguração das suas elites. Anteriormente, a elite era constituída pelos grandes fazendeiros de criação e internadas e os comerciantes tropeiros, ligados ao modelo econômico do tropeirismo. Até por volta de 1870, o tropeirismo havia sido o regime econômico predominante no Paraná, e os tropeiros investiam grandes somas de dinheiros na compra de muares, mantimentos e gado, que eram levados do Rio Grande do Sul para venda na Província de São Paulo, fazendo as fortunas tropeiras. Nesse modelo econômico, a economia girava em torno da produção rural e a cidade funcionava como um espaço de descanso das tropas e fornecedor de produtos para os tropeiros. O tropeirismo entrou em decadência a partir do momento que as regiões que compravam os produtos tropeiros – principalmente São Paulo e Minas Gerais – passaram a ter ligação aos portos e mercados nacionais através das ferrovias que permitiam o acesso de forma mais ágil e barata que o comércio no lombo das mulas. Apesar da diminuição dos mercados, o tropeirismo se manteve como uma atividade

⁷ Ao estudar a História da leitura no Paraná entre 1880 e 1930, Denipoti (1998) chama a atenção, nesse período, para uma sacralização da leitura. Segundo ele, os leitores enquadravam os livros no esquema de salvação nacional em direção a um avanço inevitável do progresso da civilização. Guardadas as diferenças entre a leitura dos livros e dos jornais, pode-se notar um reconhecimento social que os jornalistas e as personalidades políticas, sociais e econômicas conquistavam nas sociedades da qual faziam parte.

econômica complementar em Ponta Grossa, até as primeiras décadas do século XX, principalmente com viagens de tropeiros para o Mato Grosso.

Na segunda metade do XIX, a reestruturação da economia e da vida política de Ponta Grossa foi estimulada por projetos econômicos, militares e sociais de caráter nacional, tais como a construção de ferrovias e a introdução de levas de imigrantes europeus. A construção da Estrada de Ferro Paraná, de Curitiba a Ponta Grossa (1894) e, alguns anos mais tarde, a conclusão da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (iniciada em 1897 e concluída em 1905), impactaram de forma significativa na economia e na vida política local. Do mesmo modo, o estímulo ao ingresso de mão-de-obra livre imigrante estimulou e diversificou a demografia e o mercado interno.

Esses dois fatores – ferrovia e imigração – promoveram um significativo crescimento, impulsionando as incipientes indústrias extrativas do mate e da madeira, bem como a expansão do núcleo e do comércio urbano de Ponta Grossa. A economia e a política ponta-grossense se tornaram mais cosmopolitas e mais diversificadas.

Nesse contexto, começa a se verificar uma diversificação nos investimentos das elites, o que motivou o surgimento de grupos de comerciantes, industriais e investidores urbanos que se aproveitaram do aumento populacional na cidade e instalaram seus armazéns de secos e molhados, engenhos de erva-mate, indústrias madeireiras e casas de importações no meio urbano. Muitos desses novos membros da elite tinham descendência das antigas elites rurais, como o caso do prefeito Manuel Vicente Bittencourt, filho de um fazendeiro de Morretes e casado com filha de fazendeiros ponta-grossenses, que preferiu vender as terras no meio rural para empreender na instalação na cidade da casa de comércio Bittencourt, relevante empreendimento urbano daquele período. Outros eram imigrantes, como Eugenio Gambassi, que anteriormente havia sido vice-cônsul italiano e que estabeleceu diversos empreendimentos no meio urbano, incluindo a fábrica de caramelos e, nos anos seguintes, Henrique Thielen, também imigrante italiano que, por volta de 1896, fundou a Cervejaria Adriática.

Embora o maior reconhecimento social na cidade estivesse ligado à cultura da antiga elite tropeira, e diversos membros das classes altas ponta-grossenses buscassem se associar às elites antigas em empreendimentos comerciais, casamentos e participação nos círculos de sociabilidades, o poder econômico e político dos comerciantes, industriais e investidores urbanos também era relevante e, por isso, os empreendimentos jornalísticos que se

estabeleceram em Ponta Grossa nesse período buscavam se apoiar tanto nos fazendeiros quanto nos industriais e investidores urbanos.

O Jornal *Campos Geraes* de Ponta Grossa

Essa “modernização forçada”, imposta pela expansão do mercado global promoveu, entre os anos 1870 e 1890, no Brasil, uma geração de intelectuais e políticos de algum modo comprometida com uma plataforma de atualização das estruturas. Esse cenário incluía a reconfiguração da chamada “opinião pública”, agora mais ampla e diversificada e, conseqüentemente, de seus meios de comunicação (SEVCENKO, 1998).

Esse fenômeno estimulou a formação de novos grupos políticos e intelectuais, e não foi diferente na então provinciana Ponta Grossa. Essa tendência já vinha ocorrendo desde meados do século XIX, motivando que filhos de fazendeiros se dirigissem às capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, onde realizavam seus cursos de bacharelado (LEANDRO, 1995, p. 13) e, após retornarem à região, assumiam funções no setor público ou desenvolviam iniciativas de investimentos privados junto aos grupos de investidores locais. A chegada dos imigrantes reforçou o processo de injeção de ideias e motivou o estabelecimento desses grupos de intelectuais locais, responsáveis pela presença de discussões em Ponta Grossa sobre temas debatidos no meio nacional e internacional. Tais discursos, produzidos em diálogo com os textos científicos, eram reconstruídos em relação às questões sociais locais e aos desafios cotidianos desses entusiastas. Várias dessas produções locais foram publicadas em livros e crônicas ou enviados como cartas e artigos aos jornais curitibanos. Essa presença intelectualizada estimulou a produção de jornais ponta-grossenses (HOLLOWATE, 2018).

Como foi apontado, Castro foi a primeira cidade dos Campos Gerais a ter um jornal, o *Echo dos Campos*, de Rocha Pombo, em 1883. Ponta Grossa, que havia sido separada de Castro e elevada à condição de município, não teve um jornal antes da Proclamação da República. Contudo, nas décadas seguintes, uma série de empreitadas jornalísticas iria fazer Ponta Grossa ultrapassar Castro como a cidade dos Campos Gerais com maior quantidade de jornais, em um processo que iria se consolidar, de forma que, em 1908, Romário Martins, ao inventariar o jornalismo paranaense, apontou que até o momento de sua pesquisa, Ponta Grossa havia instaurado treze produções jornalísticas, enquanto Castro havia tido dez impressos. É relevante notar que Martins não

colocou na lista dos jornais ponta-grossenses o *O Precursor*, que foi um dos periódicos investigados nessa pesquisa.

O jornal *Campos Geraes* é considerado, pela historiografia ponta-grossense, como o impresso que deu início ao jornalismo em Ponta Grossa. Embora não exista, até o momento, uma produção historiográfica focada na trajetória do jornal *Campos Geraes* de Ponta Grossa, o que caracteriza as citações a esse periódico é a existência de fontes primárias sobre o impresso, disponíveis para consulta no Museu Campos Gerais e Casa da Memória de Ponta Grossa; e a relevância política que a instituição desse impresso teve para a formação do jornalismo da cidade.

O jornal *Campos Geraes* teve duas fases, a primeira durante o ano de 1893, e a segunda em 1900. A primeira edição do impresso foi publicada a partir do dia 13 de maio de 1893, fundada por João da Rocha Balls, importante membro da elite campeira ponta-grossense. Essa edição foi lançada em comemoração à Lei Áurea e trazia na capa o título especial de “confraternização dos brasileiros”, como um elogio ao fim da escravidão no Brasil e nos Campos Gerais do Paraná (GONÇALVES, 1979; BITTENCOURT FILHO et al, 2022). Esse elogio poderia ser considerado paradoxal, tendo em vista que Ponta Grossa, em 1850, tinha um percentual de 35% da sua população escravizada e, embora esse percentual tenha diminuído para 14%, em 1870, ainda assim foi uma das últimas cidades do Brasil a comunicar o cumprimento da abolição da escravidão no Brasil, tendo realizado apenas em 29 de maio de 1888, quinze dias após a assinatura da Lei Áurea. Muitos dos leitores dessa primeira edição do jornal *Campos Geraes* certamente haviam sido senhores de escravos cinco anos antes. Contudo, uma vez instituída a extinção da escravidão, a política oficial do Estado brasileiro foi reconhecimento de um *status quo* pós-escravocrata, com políticas de reforçamento da memória da atuação dos políticos no processo de abolição da escravatura e esquecimento das memórias do fenômeno da escravização. Entre os diversos órgãos de comunicação, os impressos – incluindo, como se nota, o *Campos Geraes* – foram defensores dessa política de “confraternização dos brasileiros”.

Esse discurso republicano “neutro” nos primeiros anos após a instalação da República no Brasil também foi notado por Côrrea (2009), ao estudar a imprensa e o discurso republicano no Paraná. A suposta neutralidade do republicanismo era marcada por uma política de alianças e desavenças, negação das dissensões sociais e defesa dos discursos de ordem e progresso (CÔRREA, 2009). Porém, contraditoriamente, discursos de grupos subalternos, como os

negros recém-libertos, imigrantes pobres e camponeses eram desvalorizados, enquanto os ideários de união social promovidos pelos grupos dominantes da sociedade paranaense foram constituindo a memória oficial.

O artigo de apresentação do jornal *Campos Geraes*, que propugnava os ideais que o jornal iria seguir, afirmava o impresso como

[...] simples e modesto se apresenta na esfera jornalística, mas tal qual o operário rude que, nem por usar da blusa, deixa de ser um dos fatores do progresso da sociedade, assim como o Campos Geraes que, por ser simples e modesto, não deixará de propugnar pelo engrandecimento social, pelos interesses vitais deste Estado, e principalmente pelo desenvolvimento material e moral deste frutuoso centro, que tem dado as maiores provas de sua pujança, de sua indústria e de seus adiantamentos (CAMPOS GERAES, 1893, p. 1).

A “blusa” – expressão usada na nota – era uma peça de roupa simples e sem detalhes, em geral associada à indumentária operária e, nesse contexto discursivo, era usada para diferenciar da casaca, uma vestimenta associada à elite. A redação do jornal estava afirmando ser o jornal uma produção que, pelo seu *trabalho*, contribuiria para o progresso da sociedade. Aqui, fica evidente a ressignificação dada ao trabalho, antes atribuído exclusivamente a escravos ou a pessoas sem posse. O discurso pode parecer contraditório, se comparado com o fato que o proprietário do impresso era um membro da elite local. Mas, enquanto estratégia discursiva *burguesa e moderna* de associação entre trabalho e progresso, evidencia bem as mudanças culturais e ideológicas do momento e configura a preocupação do jornal com a diversidade social e cultural de seus leitores e, obviamente, consumidores. Uma estratégia clara de legitimação junto ao novo contexto social da cidade.

O jornal *Campos Geraes* tinha uma periodicidade semanal com “todos os assuntos que possam interessar a humanidade em geral, ao Paraná, e as localidades centrais” (CAMPOS GERAES, 1893, p. 1). Tratava-se, portanto, de um jornal que cobria os mais diversos assuntos, e incluía nas suas seções telegramas, noticiários, artigos literários e anúncios.

Diversas edições do *Campos Geraes* foram citadas pelos jornais curitibanos daquele período. As edições do jornal ponta-grossense eram enviadas para a cidade vizinha por particulares e pelo serviço de diligências e recebiam elogios e apontamentos, incluindo a reprodução no jornal *A República*, no dia 25 de outubro de 1893, de uma notícia do *Campos Geraes* sobre um

crime de assassinato em Ponta Grossa (A REPÚBLICA, 1893, p. 2); a nota do recebimento de uma edição do *Campos Geraes* pelo *Diário do Commercio*, em 4 de dezembro de 1893 (DIÁRIO DO COMMERCIO, 1893, p. 1); e a reprodução, na *Revista Azul*, de setembro de 1893, de um artigo literário do *Campos Geraes* (REVISTA AZUL, 1893, p. 6).

Embora a empreitada do *Campos Geraes* tenha sido dirigida por indivíduos da elite econômica de Ponta Grossa, não há vestígios dessa primeira fase do impresso após dezembro de 1893. A única fonte primária encontrada do jornal é a fotocópia da edição 1, disponível na Casa da Memória de Ponta Grossa. E, como foi apontado, tem-se notícias de edições do jornal em maio, setembro, outubro e dezembro daquele ano, o que significa que o jornal publicou ao menos cinco edições, mas não é possível concluir a quantidade exata de edições que o *Campos Geraes* teve nessa primeira fase.

Em 1900, o jornal retornou sob a “direção material”⁸ de Júlio Koch. No seu artigo de abertura, afirmava ser um “jornal imparcial” que “não se envolverá nas lutas nem questões políticas nem religiosas” (CAMPOS GERAES, 1900, p. 1). O jornal tinha vários artigos de opinião, incluindo, ainda na primeira edição, um texto de Teixeira Coelho, intitulado “A imprensa”, onde se lia que o jornal deveria “ter por norte – a verdade, e como complemento essencial, esclarecê-la –, é o dever sacratíssimo que a razão e o bom senso impõem à consciência de todo jornalista digno deste nome” (CAMPOS GERAES, 1900, p. 1)⁹.

As afirmações de imparcialidade no periodismo se tornaram comuns após a ascensão da objetividade jornalística, o que expressava a ampliação e complexificação da esfera e da opinião pública no país. Ao estudar a história do jornalismo estadunidense, Schudson aponta que a descoberta do telégrafo, em 1837; e a fundação da *Associated Press*, em 1846, passaram a fornecer o mesmo teor de informações e notícias para diversas instituições jornalísticas, ao mesmo tempo que apoiou a profissionalização das atividades jornalísticas. Esse processo foi beneficiado pela construção de um ideal de objetividade que, a partir do final do século XIX, defendia que as notícias publicadas em um jornal eram a cópia noticiosa dos acontecimentos. Esse discurso também foi apoiado pela instituição da figura do repórter na busca de notícias no ambiente dos acontecimentos, aumento do número de leitores e utilização da fotografia

⁸ Provavelmente, a função englobava a gerência e a redação do impresso.

⁹ Teixeira Coelho era uma das personalidades reconhecidas da imprensa paranaense naquele período, tendo sido inclusive o fundador do jornal *Gazeta dos Campos*, em 1898 (A IMPRENSA, 1900).

como reprodução da realidade nas edições do jornal (SCHUDSON, 2010). No limite, o que se constata é construção de uma estratégia para enfrentar a agora multifacetada esfera pública, promovida pelos ventos da industrialização em massa, da urbanização, das multidões, enfim, da modernidade.

No final do século XIX, os manuais da prática jornalística se tornaram comuns, como o de Edwin Shuman, que defendia que:

Opiniões são a província particular do editor-chefe. O espírito do jornalismo moderno exige que as notícias e os editoriais sejam mantidos distintamente separados. Um lida com fatos, o outro com interpretações teóricas, e é tão prejudicial misturar os dois no jornalismo quanto combinar igreja e Estado no governo. Esta, pelo menos, é a única teoria segura para o iniciante (SHUMAN, 1894, p. 66, tradução nossa)¹⁰.

Como se nota, o discurso de objetividade no jornalismo não significava o fim da interpretação nos jornais, mas a busca pela separação nos impressos entre as seções dedicadas para as notícias e às opiniões. Embora as seções literárias tenham continuado ocupando espaço relevante nas edições dos jornais nacionais e internacionais do início do século XX, a presença do discurso da objetividade, na segunda fase do jornal *Campos Geraes*, buscava conquistar a credibilidade pela veracidade das histórias publicadas nas suas edições. Assim como o *Campos Geraes*, a maioria dos jornais noticiosos do final do século XIX e início do século XX seguiu esse padrão de organização das seções do jornal, separados entre artigo de fundo ou editorial, no qual o editor ou articulista colaborador opinava sobre características ou acontecimentos da sociedade, seguido de seções de notícias objetivas, incluindo telegramas e correspondências dos repórteres; e seções literárias, nas quais intelectuais tinham suas obras divulgadas. Na parte final, nas seções livre e alheia, que ficavam junto às propagandas, figuras exteriores ao jornal compravam espaço para publicarem suas opiniões¹¹.

A segunda tentativa do *Campos Geraes* não teve resultado diferente da primeira. Dela se tem cópias das edições 1 a 4, disponíveis para pesquisa no

¹⁰ Texto original: “Opinions are the peculiar province of the editorial writer. The spirit of modern journalism demands that news and the editorials be kept distinctly separate. The one deals with facts, the other with theoretical interpretations, and it is as harmful to mix the two in journalism as it is to combine church and state in government. This, at least, is the only safe theory for the beginner” (SHUMAN, 1894, p. 66).

¹¹ Os modelos discursivos e de diagramação dos jornais paranaenses eram influenciados pela imprensa internacional, sendo que vários jornalistas paranaenses, incluindo Hugo dos Reis, eram também leitores e revendedores de impressos do exterior, o que era observado pela presença, nos jornais paranaenses, de propagandas de impressos europeus e estadunidenses.

Museu Campos Gerais de Ponta Grossa e partes da edição 1, também transcritas e comentadas no citado folheto de Pilotto. Apesar do ideal de criação de uma imprensa no meio local e consolidação do trabalho jornalístico em Ponta Grossa, também essa empresa faliu e fechou, ainda em 1900.

O jornal *Campos Geraes* foi, assim, um dos impressos mais antigos de Ponta Grossa do qual se tem nota, com a presença de cópias e edições preservadas disponíveis para consulta e citações ao jornal por periódicos da rede jornalística paranaense, que foi se formando nessa época e que se consolidou no decorrer das décadas seguintes.

O impresso *O Pirolita*

Uma das principais fontes para o estudo da História do jornalismo paranaense é o *Catálogo dos jornais publicados no Paraná de 1854 a 1907*, de Romário Martins (1908), publicado em 1908 com referências a 425 jornais paranaenses que haviam sido instalados no Paraná até a data de publicação do catálogo. Esse catálogo cita a existência de um jornal em Ponta Grossa chamado de *O Pirolita*, datado de fevereiro de 1893 (MARTINS, 1908).

Oswaldo Pilotto também afirmou a existência desse impresso, ao qual chamou de *O Pirolito* (com “o”). Ele afirmou que o jornal foi provavelmente uma produção carnavalesca de Ponta Grossa, lançada em fevereiro de 1893 (PILOTTO, 1976). Como as datas de carnaval e feriados móveis se repetem ciclicamente, é possível especificar que a data do carnaval de 1893 ocorreu em 14 de fevereiro, e que, portanto, a publicação desse impresso poderia ser datada como meados de fevereiro de 1893.

Contudo, exceto as citações de Romário Martins e a asserção de Oswaldo Pilotto, não há citações do *O Pirolita* por outros jornais paranaense, algo que é o oposto do que era comum no jornalismo nacional daquele período. Os periódicos paranaenses, especialmente os jornais *A República*, *Diário do Commercio*, *Club Curytibano* e vários outros impressos de Curitiba que estavam ativos durante o ano de 1893, citam impressos ponta-grossenses do ano de 1893, mas não fazem referências a *O Pirolita*.

Como nos inícios do jornalismo nacional eram comuns erros de digitações, em virtude da insuficiência de mão de obra especializada, havia a possibilidade de o nome do impresso ter sido publicado com grafia incorreta, ao ser citado por outros jornais. Por isso, fez-se buscas no acervo de jornais com possíveis chaves que poderiam se aproximar desse erro de grafia, mas

não há referências a esse impresso por outros órgãos jornalísticos nacionais daquele período.

A única pista encontrada e que pode conduzir a pesquisas futuras sobre esse impresso está na ata de fundação do *Club Instrução e Recreio*, de cinco de março de 1893, em Ponta Grossa, reproduzida pelo jornal *O Democrata*, de Curitiba, em 21 de março do mesmo ano. O jornal cita, entre os oradores da ocasião, os cidadãos Joaquim Pedro da Silva Carvalho, presidente da sociedade *Pirólitas do Averno* e o secretário da mesma sociedade, João da Rocha Balls. Este último, dois meses depois, foi o fundador do jornal *Campos Geraes*. Mas não há qualquer referência ao impresso carnavalesco.

A falta de citações a esse impresso nos círculos jornalísticos paranaenses é compreensível, se considerado que ele teria sido uma publicação efêmera durante o carnaval, com distribuição pequena e restrita a um grupo seletivo de leitores. Portanto, os únicos vestígios de *O Pirólita* são o catálogo de Romário Martins, de 1908, e a citação de Oswaldo Piloto, tornando, do ponto de vista historiográfico, difícil a confirmação da existência desse impresso. Pela própria escassez de fontes, em caso de sua existência, é provável que o *O Pirólita* teve algumas poucas ou mesmo apenas uma edição publicada.

O jornal *O Precursor*

O jornal *O Precursor* é pouco conhecido entre os pesquisadores da História do jornalismo ponta-grossense, não podendo competir com o prestígio do *Campos Geraes* entre os impressos mais antigos de Ponta Grossa. Tem, em sua desvantagem, o fato de não serem conhecidas fontes do próprio jornal disponíveis para pesquisa. É notável que no seu catálogo do jornalismo do Paraná, de 1908, Romário Martins não tenha citado a existência do *O Precursor*, mesmo sendo um impresso instituído apenas quinze anos antes da publicação do inventário.

Mas duas citações sobre o *O Precursor* poderiam colocá-lo como o impresso mais antigo de Ponta Grossa. A primeira é uma matéria do jornal *Diário da Tarde*, de Curitiba, datada de 27 de setembro de 1949, que elencava as primeiras empreitadas do jornalismo em Ponta Grossa e colocava o ano de 1892 como de fundação do *O Precursor*, como um jornal criado por Júlio Pernetta e Afonso Gama (PRINCESA DOS CAMPOS, 1949). O artigo, assinado por Alberico Figueira, contudo, foi publicado mais de meio século após o fechamento do jornal *O Precursor*. E o fato de o autor afirmar que seu texto foi escrito “conforme apontamentos que aqui manuseio”, significa que Figueira, embora

dispusesse de notas e apontamentos sobre o jornal *O Precursor*, não havia tido acesso às fontes originais do impresso (PRINCESA DOS CAMPOS, 1949, p. 1).

O segundo autor a citar a existência do *O Precursor* foi Dayli Luiz Wambier, um jornalista, político e cronista ponta-grossense. Wambier também sinalizava a existência do jornal *O Precursor* em 1892, confirmando que o jornal foi fundado por Júlio Perneta e gerenciado por Afonso Gama (WAMBIER, 1984). Todavia, a semelhança entre as informações apresentadas por Figueira e Wambier, somadas à distância temporal de três décadas entre as obras, sugerem que Wambier se utilizou da matéria de Figueira publicada no *Diário da Tarde*, ou que ambos tiveram acesso, com trinta anos de diferença, à mesma fonte.

Essas citações sobre o jornal *O Precursor* serviram como indícios sobre possíveis chaves para pesquisa sobre o jornal e as figuras que dirigiam o impresso. Sabe-se que Júlio Perneta foi um intelectual de prestígio na sociedade paranaense, atuando em diversas regiões do Estado, em produções literárias e estimulando a produção jornalística tanto na capital quanto no interior do Paraná. Entre os vários impressos de que Perneta participou do processo de fundação, podem ser destacados a *Revista Azul* (1893), *O Cenáculo* (1895), *A Penna* (1897) e *O Pallium* (1900), além de ter colaborado com a revista *Club Curytibano* (1890-1896) (AMOR BUCÓLICO, 1895; O EXORCISMO, 1895)¹² e publicado dezenas de obras literárias incluindo *Amor Bucólico* (1895), *O Exorcismo* (1895), *O Clero e a Monarquia* (1897), *Bronzes* (1897), *Malditos* (1909), entre outras (MELLO, 2008). Já Afonso Gama, apoiador da produção de Júlio Perneta em Ponta Grossa, foi funcionário da agência de telégrafos, participante de clubes literários e presidente do *Club Instrução e Recreio* da mesma cidade (PONTA GROSSA, 1893). A pesquisa a partir desses dois nomes permitiu a ampliação de indícios sobre a existência de *O Precursor*.

O jornal *O Precursor* também foi citado no livro *Cinco histórias convergentes*, de Epaminondas Holzmann, que rememorava as histórias de Ponta Grossa durante sua infância e adolescência. A obra foi finalizada no último ano de vida de Holzmann, tendo sido datilografada por ele, provavelmente, entre 1957 e 1960.

Tivemos alguns semanários de vida efêmera, como *O Precursor*, fundado pelo beletista paranaense Júlio Perneta, auxiliado

¹² Esses impressos estão disponíveis para consulta na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Vários contos de Perneta também foram publicados em jornais, incluindo o *Amor bucólico* e *O Exorcismo*, publicados em 1895 na revista *O cenáculo* (AMOR BUCÓLICO, 1895; O EXORCISMO, 1895).

por Afonso Gama, então chefe da agência do telégrafo nacional; o *Campos Geraes*, que teve duas fases – em 1890 (sic) e 1893 – sob orientação de Rocha Balls e redação de Afonso Gama (HOLZMANN, 2004, p. 261).

Na sequência, Holzmann seguia enumerando outros jornais de Ponta Grossa, em ordem de temporalidade. Contudo, é importante notar que a obra de Holzmann era uma lembrança ocorrida quarenta anos depois dos acontecimentos e, como toda memória, ela também é feita de esquecimentos e reelaborações, como ocorreu na datação que ele fez das fases do jornal *Campos Geraes*. Valfrido Pilotto (1973) também fez referência à existência do jornal *O Precursor*. Contudo, trata-se apenas da transcrição da citação de Holzmann, apontada acima.

Tem-se assim, de início, algumas fontes indicando, nos primórdios da imprensa ponta-grossense, a existência do *O Precursor*. Mas se observa que esses textos tinham longa distância temporal dos acontecimentos e que as escolhas discursivas apontam que os autores não dispunham de uma fonte original ou conclusiva sobre a existência e datação do jornal em questão, o *O Precursor*.

Na edição de 12 de abril de 1893 do *A República*, de Curitiba, apareceu a notícia da chegada na redação da edição inicial do jornal *O Precursor*: “recebemos ontem o número 1 do *O Precursor*, um órgão do Club de Instrução e Recreio de Ponta Grossa” (*O PRECURSOR*, 1893, p. 2), afirmando ainda que

Em seu bem lançado artigo de apresentação assim se exprime: cheio de vontade, animado pelos melhores intuitos, encorajado pela animação de muitos, apresenta-se hoje ao público o *O Precursor* pedindo aos seus confrades um modesto lugar na arena jornalística. Embora pequenino, fraco campeão embora, trabalhará com afinco para que seja de utilidade, pugnando não só pelos interesses do Club de que é órgão, como também pelo desenvolvimento, pelo progresso desta esperançosa terra (*O PRECURSOR*, 1893, p. 2).

Como já afirmamos, era comum a ocorrência de citações e referências entre os jornais paranaenses no final do século XIX e início do século XX, pois, uma vez que um novo impresso era produzido, ele era enviado e podia ter sua edição referenciada pelos jornais das regiões próximas. Esse diálogo entre o jornalismo de Ponta Grossa e Curitiba era uma característica recorrente do jornalismo naquele período e se tornaria comum no processo de consolidação

do jornalismo paranaense e ponta-grossense nas décadas seguintes como, por exemplo, nas épocas iniciais do *Diário dos Campos*, a reprodução e as réplicas e citações junto aos jornais *Diário da Tarde* e *A República*, de Curitiba.

O texto reproduzido pelo *A República* era o artigo de fundo da edição 1 do jornal *O Precursor*. O artigo de fundo era uma coluna prestigiosa do jornalismo do final do século XIX. Geralmente, a redação publicava nessa posição, sendo o espaço usado para a veiculação da opinião oficial da redação do jornal, mas também poderia ser cedido para um artigo de colaboração considerado especialmente relevante. Quando se tratava da edição de inauguração de um impresso ou da entrada de um novo redator na chefia de uma redação, o artigo de fundo assumia a função de artigo de apresentação, em que os ideais e projetos que a redação do jornal assumia eram declarados. Então, nessa fonte do jornal *A República* estão disponibilizadas partes do artigo de apresentação do *O Precursor*, incluindo o projeto de jornalismo do impresso.

Nesse artigo, a redação do *O Precursor* se propugnava participar da arena jornalística paranaense, assim como seus colegas de Curitiba. Duas escolhas no discurso do *O Precursor* apontam para uma intenção de longevidade do impresso: a primeira é a ligação com o *Club Instrução e Recreio* de Ponta Grossa, pois o artigo de apresentação afirmava que pretendia defender os interesses do clube. Sendo o clube uma instituição permanente, o jornal só poderia lutar pelos interesses do clube se também estivesse presente com edições nas semanas seguintes. O segundo é a afirmação que o jornal não apenas defenderia os interesses do clube, “como também pelo desenvolvimento, pelo progresso desta esperançosa terra” (*O PRECURSOR*, 1893, p. 2). Essa intenção de promover a ideologia do progresso em Ponta Grossa, que havia se tornado uma das características centrais dos projetos jornalísticos ponta-grossenses, revela a intenção de uma intervenção na esfera pública local.

Existe uma indicação de ao menos mais de uma edição publicada do jornal *O Precursor* na rememoração de Holzmann, que aponta a existência de uma periodicidade do jornal *O Precursor* ao colocá-lo entre os “semanários de vida efêmera” (HOLZMANN, 2004, p. 261), o que poderia estar associado à existência do clube e o discurso de promoção da ideologia de progresso na edição de abertura do impresso.

Ainda no artigo do *A República* sobre a edição recebida do jornal *O Precursor*, lia-se que no restante da edição do jornal “segue-se uma variada e scintillante parte literária, digna de atenciosa leitura. O aparecimento do novo colega, ao qual desejamos larga e brilhante carreira, assignala um elevado

cometimento para a fruturosa e bela cidade de Ponta Grossa” (O PRECURSOR, 1893, p. 2).

Apesar do *A República* não ter fornecido a data de publicação da edição 1 do *O Precursor*, o fato de o jornal ter chegado em mãos da equipe do impresso de Curitiba em 11 de abril de 1893; e publicado na edição do dia seguinte torna improvável que a edição 1 do *O Precursor* tivesse sido publicada no ano de 1892, pois, como foi visto, a entrega em mãos de documentos e jornais poderia ser feita através de viagens em carroças particulares ou pelo serviço de diligências, que tinha periodicidade semanal.

O avanço na investigação permitiu descobrir que o *Club Instrução e Recreio*, órgão que gerenciava o jornal *O Precursor*, teve sua fundação noticiada pelos impressos *O Democrata* e *Club Curytibano* de Curitiba. A edição de 15 de março de 1893 da revista *Club Curytibano* publicava que

No dia 5 d’este mez instalou-se em Ponta Grossa, n’este Estado, o Club Instrução e Recreio. Agradecendo o convite que foi dirigido ao Curytibano para fazer-se representar na festa de instalação, fazemos sinceros votos pela prosperidade da nova associação. A Revista Club Curytibano levanta um hurrah aos iniciadores da ideia (CLUB INSTRUCÇÃO E RECREIO, 1983, p. 8).

O *Club Curytibano* tinha uma proximidade com a intelectualidade fundadora do *Club Instrução e Recreio* e, especialmente, com Júlio Perneta, que era também um colaborador da revista *Club Curytibano*. Entre 1890 e 1896, essa revista citou Júlio Perneta – com um ou dois “t” dependendo da grafia utilizada na tipografia – 80 vezes, incluindo artigos literários assinados por Perneta, notícias sobre suas viagens e atividades sociais e políticas publicadas pela redação do impresso de Curitiba.

Outro indício é a edição de 21 de março de 1893, do jornal *O Democrata*, de Curitiba, que transcrevia a ata de fundação do clube literário em Ponta Grossa, o *Club Literario Instrução e Recreio*, confirmando a data de fundação em 5 de março de 1893. A inauguração do clube ocorreu no salão do teatro Sant’Ana de Ponta Grossa. Discursaram na tribuna de inauguração diversas personalidades reconhecidas pela sociedade ponta-grossense, incluindo o próprio Júlio Perneta, que foi o primeiro citado pela ata de inauguração do clube, seguido pelo Major Manuel Bittencourt, prefeito de Ponta Grossa, Cazimiro Cardoso de Menezes, presidente do *Clube 13 de Maio*, e outras figuras de relevância da sociedade local, incluindo os já citados líderes da sociedade *Pirolitas do Averno*. A ata de inauguração do clube aponta que o presidente do clube era Afonso

Gama; João da Rocha Balls, o vice-presidente; e Júlio Pernetá, o 2º secretário (PONTA GROSSA, 1983, p. 2).

O fato de os jornais terem dado uma informação detalhada sobre a fundação do *Club Instrução e Recreio* e, especialmente, que o jornal *O Democrata* tenha transcrito a ata de fundação do clube, demonstra que a notícia sobre a festa de inauguração não chegou até a redação dos jornais de Curitiba apenas por mensagem telegráfica, mas pelo envio de cópia das atas e de informações sobre a inauguração, o que, por conseguinte, permite dimensionar o tempo que esse tipo de mensagem demorou para ser divulgada de Ponta Grossa a Curitiba. Entre o evento da fundação do *Club Instrução e Recreio* e a publicação da notícia na revista *Club Curytibano* se passaram dez dias; e dezesseis dias para a publicação da ata no *O Democrata*.

Com as informações que a edição inicial do jornal *O Precursor* estava em mãos da equipe da redação do jornal *A República* de Curitiba em 11 de abril de 1893, que foi fundado pela sociedade do *Club Literario Instrução e Recreio* e que este clube foi inaugurado em cinco de março do mesmo ano, fica descartada a hipótese do jornal *O Precursor* ter circulado em Ponta Grossa em 1892. Embora não seja possível fornecer a data exata da fundação do *O Precursor*, o jornal provavelmente teria sido fundado em fins de março ou inícios de abril de 1893. Isso porque o tempo necessário para realização de uma entrega de cópias do jornal entre Ponta Grossa e Curitiba nesse período anterior à instalação das ferrovias em Ponta Grossa era, como pode ser visto no caso das notícias sobre a fundação do *Club Instrução e Recreio*, entre uma e duas semanas.

Todavia, como se observa, embora existam mais vestígios da existência do *O Precursor* que do *O Pirolita*, a existência de edições originais ou cópias desse impresso é desconhecida, e a pesquisa sobre o jornal *O Precursor* se baseia apenas em fontes secundárias, oriundas de citações de outros impressos daquele período ou crônicas e lembranças de décadas depois.

Considerações Finais

O caráter indiciário proposto neste ensaio fica, assim, duplamente compreendido. Primeiro, a fragilidade documental a respeito dos primórdios da imprensa em Ponta Grossa não é apenas um problema relacionado ao arquivamento da memória pública, sabidamente precário no Brasil. Segundo, ele revela a incipiência e a vulnerabilidade da produção intelectual e política da comunidade local, na qual a imprensa foi uma das expressões.

O jornalismo se impôs como um instrumento político das transformações – que podemos chamar de modernidade – que a sociedade ponta-grossense experimentou naquela segunda metade do século XIX. Mas, assim como as ideias republicanas e liberais, também os equipamentos públicos – por exemplo, os jornais – não se encontravam dispostos e consolidados. Do mesmo modo que não se tinha claro como produzir o jornal, igualmente, a sociedade não tinha clareza da sua necessidade.

Termos como “despreparo” profissional dos editores e jornalistas, ou falta de apoio financeiro, entre outros, só podem ser compreendidos na condição da incipiência histórica do *fazer-se*, caso contrário, é anacronismo. Ou seja, a incipiência não é uma fragilidade, mas uma condição histórica.

As pistas, sinais e vestígios que dispomos sobre os primórdios do jornalismo em Ponta Grossa, sem dúvida, apontam para o ano de 1893, como expusemos nos indícios que encontramos dos jornais *Campos Geraes*, *O Precursor* e *O Pirolita*. Porém, já em 1894 os mesmos já se encontravam extintos. Foi uma conjuntura marcada tanto pela inauguração da Estrada de Ferro quanto pela ocupação de Ponta Grossa pela Revolução Federalista. O quanto esses eventos impactaram na criação e no fechamento dos jornais ainda é pouco claro, mas fazem parte do ambíguo cenário de modernização e instabilidade do período.

Ponta Grossa só voltou a ter uma empresa jornalística em janeiro de 1898, com a fundação do *Gazeta dos Campos*, por Teixeira Coelho; seguida pela fundação de vários outros impressos nos anos seguintes, incluindo o *O Progresso/Diário dos Campos*, que se mantém ativo até a atualidade.

Referências

A IMPRENSA. *Campos Geraes*. Ponta Grossa, p. 1, 7 jul. 1900.

A REPÚBLICA. Curitiba, p. 2, 25 out. 1893.

AMOR BUCÓLICO. *O Cenáculo*. Curitiba, p. 17-31, mai. 1895.

BITTENCOURT FILHO, Ivo; BENATTE, Antonio Paulo; ERICHSEN, Lucas; SCHERES, Maikon. *Uma casa em Ponta Grossa: Manuel Vicente Bittencourt (1841-1903)*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2022.

CAMPOS GERAES. Ponta Grossa, p. 1, 7 jul. 1900.

CHAVES, Niltonci Batista. *Entre “preceitos” e “conselhos”*: Discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). 2011. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CLUB INSTRUÇÃO E RECREIO. *Club Curytibano*. Curitiba, p. 8, 15 mar. 1893.

CORRÊA, Amélia Siegel. *Imprensa e política no Paraná*. Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. 2006. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

_____. *Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX*. *Revista de Sociologia e Política*, v. 17, p. 139-158, 2009.

COSTA, Milene Ribas da. *A implosão da ordem: a crise final do império e o movimento republicano paulista*. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994

DENIPOTI, Claudio. *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultura - Paraná 1880-1930*. 1998. 193 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

DIÁRIO DO COMMERCIO. Curitiba, p. 1, 4 dez. 1893.

FERNANDES, Josué Corrêa. *Ponta Grossa: História Mínima*. Ponta Grossa: Estúdio texto, 2017.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, p. 1, 10 set. 1808.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOIRIS, Fabio Aníbal Jara. *Estado e Política: A História de Ponta Grossa - Paraná*. Ponta Grossa, Gráfica Planeta, 2013

GONÇALVES, Maria Aparecida César. *Estudo demográfico da Paróquia de Nossa Senhora de Sant’ana de Ponta Grossa. 1823-1879*. 1979. 238 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979.

GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. *Classe dominante e jogo político na Assembleia Legislativa Paranaense (1889-1930)*. 2008. 609 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008

HOLLOWATE, Isaias. *A eugenia nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1908-1916*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

LEANDRO, José Augusto. *Palco e tela na modernização de Castro*. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995

MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornais publicados no Paraná de 1854 a 1907*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

MELLO, Sílvia Gomes de. *Esses moços do Paraná...Livre circulação da palavra nos albores da República*. 2008. 314 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

O EXORCISMO. *O Cenáculo*. Curitiba, p. 22-32, out. 1895.

O FAROL PAULISTANO. São Paulo, p. 1, 7 fev. 1927.

O PRECURSOR. *A República*. Curitiba, p. 2, 12 abr. 1893.

PONTA GROSSA. *O Democrata*. Curitiba, p.2, 21 mar. 1893.

PILOTTO, Oswaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: IHGEP, 1976.

PILOTTO, Valfrido. *Ideais de Ontem da Cidade Sempre Jovem*. Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentenário do Decreto nº 15 que criou a freguesia. Ponta Grossa, 1973.

PINTO, Elisabete Alves. *A população de Ponta Grossa a partir do registro civil, 1889 -1920*. 1980. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

PONTA GROSSA. *O Democrata*. Curitiba, p. 2, 21 mar. 1893.

PRINCESA DOS CAMPOS. *Diário da Tarde*, Curitiba, p. 1, 27 set. 1949.

REVISTA AZUL. *Revista Azul*. Curitiba, p. 6, set. 1893.

ROCHA, Alvício Vicente da. *“Contenda estulta”*: as crônicas de Raul Gomes e as representações de Ponta Grossa - PR no jornal O Progresso (1912). 122 f. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa - Ponta Grossa, 2019.

SCHUDSON, Michael. *Descobrimo a notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SHUMAN, Edwin Liewellyn. *Steps into journalism: helps and hints for young writers*. Correspondence School of journalism, Evanston, 1894. Disponível em: <https://archive.org/details/stepsintojournal00shum/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 31 jan. 2023.

WAMBIER, Dayli Luiz. *Crônicas e discursos*. Ponta Grossa: UEPG, 1984.

Artigo recebido para publicação em 03/03/2023
Artigo aprovado para publicação em 04/05/2023